



CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA TECNOLOGIA NA INFÂNCIA

CONSIDERACIONES SOBRE EL USO DE LA TECNOLOGÍA EN LA INFANCIA

CONSIDERATIONS ABOUT THE USE OF TECHNOLOGY IN CHILDHOOD

Eduardo Toshio Kobori¹

RESUMO: O presente trabalho pretende investigar as formas de relacionamento da atualidade, no que concerne aos anos iniciais da criança, permeadas pelo processo de virtualização, e analisar as consequências do uso dos eletrônicos na fase inicial de desenvolvimento das crianças. Para fundamentar teoricamente nossa discussão, utilizamos a teoria psicanalítica de Donald Woods Winnicott, no que concerne ao tema da maternagem suficientemente boa. Desta forma, a relação mãe-bebê é colocada em evidência e a ela são correlacionadas as questões da virtualização precoce. Com base no que foi explorado ao final da pesquisa fica evidente que o excesso de telas tende a impactar significativamente o desenvolvimento das crianças, principalmente na fase da primeira infância.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Infantil; Contemporâneo; Tecnologia; Sociedade.

RESUMEN: El presente trabajo pretende investigar las formas actuales de relación, con respecto a los primeros años del niño, permeadas por el proceso de virtualización, y analizar las consecuencias del uso de dispositivos electrónicos en la fase inicial del desarrollo infantil. Para sustentar teóricamente nuestra discusión, utilizamos la teoría psicoanalítica de Donald Woods Winnicott, sobre el tema de la maternidad suficientemente buena. De esta manera, se resalta la relación madre-bebé y se correlacionan con ella cuestiones de virtualización temprana. Con base en lo explorado al final de la investigación, es evidente que el tiempo excesivo frente a una pantalla tiende a impactar significativamente el desarrollo de los niños, especialmente en la primera infancia.

PALABRAS CLAVE: Desarrollo Infantil; Contemporaneidade; Tecnologia; Sociedad.

ABSTRACT: The present work intends to investigate current forms of relationships, with regard to the child's early years, permeated by the process of virtualization, and analyze the consequences of the use of electronic devices in the initial phase of children's development. To theoretically support our discussion, we used the psychoanalytic theory of Donald Woods Winnicott, regarding the topic of good enough mothering. In this way, the mother-baby relationship is highlighted and issues of early virtualization are correlated with it. Based on what was explored at the end of the research, it is clear that excessive screen time tends to significantly impact children's development, especially in early childhood.

KEYWORDS: Child Development; Contemporary; Technology; Society.

1 INTRODUÇÃO

Por volta de 1996, a era da internet se instala no Brasil, obviamente o percurso para tal fato foi longo e a sua esperada chegada estava carregada de dificuldades, como a baixa infraestrutura para atender a demanda e a falta de investimento aos provedores. Entretanto, conforme as soluções foram providenciadas, temos a disseminação deste meio que trouxe mudanças significativas para a sociedade (Carvalho, 2006, p. 144).

¹ Psicólogo, doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Pós-doutorado em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo. toshio_kobori@hotmail.com

Por meio desta tecnologia temos facilidade para acessar qualquer coisa no campo das relações humanas, da comunicação, da rede de informações, de entretenimento, entre outros. Como diz Lévy (1999, p. 49), não há a inauguração de algo totalmente novo, pois antes já tínhamos contato com a comunicação interativa de forma recíproca e assíncrona (telefone, correio etc.), porém:

As particularidades técnicas do ciberespaço permitem que membros de um grupo humano (que podem ser tantos quanto se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. (Lévy, 1999, p. 49).

Assim, compreende-se que a internet transpassa o elemento do tempo e do espaço no qual a velocidade colabora para otimizar a recepção e emissão de cada ação. O ambiente virtual tem proporcionado uma aceleração dos processos e ampliação das atividades humanas, pois além de se comunicar virtualmente, podemos também, comprar, vender, fazer algum curso, operações bancárias, realizar uma consulta psicológica, conhecer pessoas de diferentes lugares dentre outras atividades. Muitas das nossas necessidades são atendidas por este meio, justamente pelo apreço que temos em poupar esforços e economizar tempo.

Nesse sentido, apesar das facilidades promovidas pelo meio digital/virtual, a modernidade também trouxe alterações de outra ordem, que nos impactam significativamente. Como por exemplo, o nosso modo de ser e agir no mundo não contempla mais a naturalidade, tal como descreve Boff (1999, p. 1), o mundo virtual originou um novo habitat para o ser humano caracterizado pelo encapsulamento e pela falta de contato. Este problema contemporâneo parece incidir diretamente no desenvolvimento infantil sob diversos prismas.

Se pensarmos sob a perspectiva de Winnicott (1988), cuja teoria prioriza o contato humano, sobretudo materno, esta falta de contato, de proximidade e de interação com o meio pode afetar o desenvolvimento da criança pequena, bem como todo o seu potencial ainda não alcançado. Este papel materno é fundamental na medida em que ela apresenta gradualmente ao bebê, o mundo. Além de sustentar para o infans, a ilusão de onipotência, pois neste período do desenvolvimento ainda não há a noção de ambiente. O bebê cria os objetos de maneira onipotente, de acordo com suas necessidades e, paulatinamente, enquanto amadurece, apreenderá a realidade, quando estiver preparado, por meio das frustrações com que se depara. A relação mãe-bebê, quando saudável, gera o estado da preocupação materna primária, conceito que Winnicott postula como uma espécie de consonância ideal na comunicação entre esta dupla (Fulgencio, 2016). Quando isto não ocorre, surge o falso self como uma estrutura de-

fensiva que visa a proteção de intrusões externas precoces. O resultado desta inabilidade da mãe/cuidadora dificulta na estruturação da essência potencial criativa do bebê. Estas asserções a respeito do início da infância, até seus primeiros seis anos, nos indicam a importância da boa relação entre a dupla mãe-bebê e das consequências de intercorrências que atrapalham o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, o questionamento a ser levantado neste estudo é o da influência da tecnologia nesta fase tão importante do desenvolvimento infantil, bem como seus eventuais prejuízos na constituição da criança *in statu nascendi*.

Nossa intenção, com esta incursão teórica sobre os conceitos de Winnicott, não visa esgotar o assunto, mas demonstrar como nossa concepção de infância norteia o estudo teórico proposto por este ensaio. Ao longo deste texto, retomaremos tais conceituações teóricas articuladas com a questão do uso das tecnologias.

Diante dessas considerações, o intuito deste trabalho é levantar uma discussão teórica, a partir da revisão de literatura narrativa (Hohendorff, 2014), acerca do impacto provocado pelo mundo virtual, especialmente na formação da identidade das futuras gerações, visto que esse contato tem ocorrido em excesso e de forma muito precoce, tornando-se necessário o estudo deste fenômeno. Para isto, realizamos um levantamento bibliográfico em livros, artigos, teses e dissertações que tratam do assunto em questão, realizando assim uma avaliação crítica destas pesquisas para, com isto, reunir os dados e organizá-los na forma argumentativa de estudo teórico (Hohendorff, 2014).

2 AS MUDANÇAS SOCIAIS APÓS O ADVENTO DO MUNDO VIRTUAL

Segundo Jerusalinsky (2018), identifica-se hoje a predominância do verbo visualizar, nós não vemos, olhamos ou lemos, nós estamos visualizando tudo, modo inserido também pela cultura virtualizada. Neste ato de visualização nós procuramos entender um fenômeno, entretanto, esta nossa compreensão é deturpada pelo próprio sentido deste verbo, que remete a urgência, ao olhar apressado para na mesma medida dar uma resposta apressada. Portanto, a atenção e a capacidade de reflexão aos poucos vão perdendo o seu lugar, pois o tempo tem sido supervalorizado, já que quanto mais tempo temos, maiores são as chances de que produzamos, ou seja, não há tempo para que nos relacionemos com completude, num ato de completar o outro na sua carência, nós perdemos a sensibilidade, a presença total, pois existe sempre um estímulo que nos apressa, nos agita, nos inquieta.

O assunto em questão também dialoga com as teorias de Zygmunt Bauman (2008), quando ele apresenta a metáfora da liquefação, fazendo uma crítica ao modo como os indivi-

duos têm se portado diante da vida. O autor refere-se as diversas esferas da sociedade contemporânea (vida pública, vida privada, relacionamentos humanos) e suas transformações, que induz as instituições a perderem a solidez e tornarem-se como líquidos.

A liquidez é caracterizada pela sua mobilidade, instabilidade, por aquilo que é efêmero, ou seja, a metáfora apresentada na citação anterior refere-se às rápidas transformações, da falta de concretude e de como aparentemente tudo é feito para não durar. De acordo com o teórico, a modernidade líquida produz desapego, falta de segurança, de certeza e de garantia, de dissolução dos laços afetivos e sociais, “uma suposta sensação de liberdade que traz em seu avesso a evidência do desamparo social em que se encontram os indivíduos moderno-líquidos” (Picchioni, 2008, p. 181).

Enfim, como retratar o tempo na modernidade líquida? Se não neste mesmo aspecto, de fluidez, representando o quão imediatistas nós temos sido, o quanto queremos ter controle sobre o tempo, para que tudo ocorra em um espaço de tempo. A impaciência inunda o nosso ser, nossas formas de se relacionar pedem desesperadamente para que sejamos respondidos, para que nos saciem rapidamente conforme a nossa necessidade, da mesma forma, não criamos perspectivas para o futuro conforme um planejamento que nos seja exigente, cria-se as projeções sem a estruturação dos meios para tal, assim como afirma Bauman (2008, p. 45), “um ambiente líquido moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo.”

Instaurados neste ambiente e atravessados por esta cultura de relações superficiais e instáveis, cabe a nós, ao menos almejar algo superior às crianças do nosso tempo, nos implicar nesta situação e decidir fazer algo que traga resultados para as próximas gerações.

Portanto, é necessário que essa discussão ganhe espaço no campo científico, sendo esse um meio de visibilidade para o assunto e posteriormente um caminho que nos auxilie a traçar mudanças nas formas de agir e educar as crianças, mais especificamente, no que se refere à utilização das tecnologias em substituição ao relacionamento humano.

3 A INSERÇÃO DOS ELETRÔNICOS NA INFÂNCIA

Atualmente, as tecnologias estão presentes na vida das pessoas em diversos momentos, sobretudo, desde o início da vida. Tal advento, ainda que promova benefícios nas atividades do cotidiano, pode se tornar prejudicial, na medida em que seu uso extrapole certos limites e condições (Arruda et al., 2024). Nesse sentido, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), recomenda moderação no uso de telas, a depender da idade da criança, sob o risco de

prejuízos em áreas de seu desenvolvimento, tais como, por exemplo: a social; motora; cognitiva; e, emocional.

Neste contexto, quando pensamos nas crianças, podemos olhá-las como sujeitos em potencial e educá-las dosando o tempo de consumo às telas. Afinal, o excessivo e massacrante mundo virtual só chegará a prejudicá-las se estiverem expostas e não compreenderem que o limite de uso é necessário (Puccinelli et al., 2023). Assim sendo, os próprios adultos devem propor outras atividades, seria interessante e produtivo por exemplo, que os pais se ocupassem a ensinar aquelas brincadeiras antigas (pular corda, jogar peteca, cobra-cega, esconde-esconde), pois o excesso da virtualização é consequência desta falta de imaginação por parte das crianças, elas crescem compreendo que o lazer e o brincar estão ligados somente às telas (Puccinelli et al., 2023).

De acordo com a asserção acima, Jerusalinsky (2014. p. 14) afirma que os eletrônicos funcionam como chupetas para os bebês, basta colocar algo no aparelho e se isentar, pois diante das telas é natural que eles se distraiam e permaneçam quietos, assim a função dos pais/cuidadores é terceirizada. Consequentemente, os responsáveis por estas crianças deixam de se envolver afetivamente, negligenciando seu papel de mediador para o desenvolvimento dos menores. Aquele que se responsabiliza pela função materna ou paterna tem o dever de se implicar nesta interação, apresentando e interpretando a realidade externa, dando sentido e significações. Cabe a ressalva que não se trata de culpabilizar os pais, mas de salientar que, diante da precarização do trabalho, rotinas extensas, falta de uma rede de apoio, pode ocorrer uma falta de atenção e cuidado com a criança. Para Jerusalinsky (2014), a criança se atenta à comunicação que lhe é ofertada, não tanto no âmbito da linguagem, mas da troca afetiva, deste espaço que promove segurança através do acolhimento, pela forma em que é tratada, como o jeito de falar, o toque e o olhar. Deste modo, os sinalizadores têm como finalidade dar ao bebê ou a criança esta significação que a linguagem sozinha não dá conta.

Quanto aos pais, de acordo com Levy e Monteiro (2019), acreditam piamente que seus filhos são super inteligentes pois são capazes de manusear um celular/tablet sem auxílio nenhum, conseguem até mesmo realizar atividades educativas, em outras línguas, enfim, sem compreender que a criança está agindo automaticamente. Para ela não é esforço, não demanda refletir muito quando as possibilidades são entre “esse ou esse”, à medida que joga, memoriza o que é certo, sem precisar entender o porquê. Além destes males, a permissividade com relação ao uso excessivo dos eletrônicos instaurada logo na primeira infância tende a ser prejudicial, pois pode trazer riscos à saúde física e psíquica, causando problemas de diversas ordens, “chegando inclusive a quadros de angústia, queda de rendimento escolar, sedentarismo, obe-

sidade infantil e insônia ou sono agitado e outros quadros graves com traços autistas” (Levy; Monteiro, 2019, p. 60).

Não bastasse o perigo real do adoecimento, constata-se nas clínicas e escolas, através de relatos, o quanto as crianças são submetidas a diagnósticos incoerentes ou ainda inexistentes, pois o constante estímulo oferecido pelas telas naturalmente influencia na agitação, na falta de foco, falta de concentração, dificuldade da fala, dificuldade motora, desinteresse por atividades manuais. Enfim, tantos são os prejuízos que acabam culminando neste erro, muitas vezes por uma avaliação que desconsidera os fatos, os hábitos da criança e vê como meio a medicalização para abafar os sintomas e facilitar o processo de adequação dos comportamentos (Levy; Monteiro, 2019).

Outro fato que vale a pena mencionar, é em relação às tecnologias – mídias como televisão, tablets, e outros dispositivos eletrônicos – que assumiram uma função de brinquedo para as crianças na atualidade, e elas neste meio tendem a ter uma postura mais passiva do que ativa, estão mais para espectadoras do que autoras. No que diz respeito a esse caso, compreende-se que é roubado da criança a sua capacidade criativa e sua espontaneidade, aspectos primordiais para o desenvolvimento de um indivíduo saudável, que visa a criação da identidade pessoal, ou seja, a constituição de aspectos subjetivos que irão conferir um modo de ser e agir no mundo (Sakamoto, 2008).

Portanto, é necessário que haja esse cuidado em prover atividades que permitam a criança ser autoras da brincadeira, exerçam sua criatividade e sua capacidade de fantasiar, para que a função simbólica conduza e facilite o processo de elaboração da realidade. Pois, o brincar e as relações com os pais e com os outros, são interdependentes nesse processo. Quando as autoras, Levy e Monteiro (2019), mencionam essa interação entre as crianças e o outro, literalmente expõem a ideia de contato físico, olho no olho, da presença integral de uma pessoa que compartilhe afeto.

Considerando os fatos, entende-se que o brincar tem papel determinante na constituição do sujeito, para uma elaboração saudável dos conflitos e ampliação de suas potencialidades enquanto sujeito que cria, imagina, fantasia e por meio do simbólico se apodera da realidade. Desta forma, importa que voltemos nossa atenção sobre as brincadeiras contemporâneas permeadas pelos eletrônicos e nos questionemos se de fato elas conseguem suprir as necessidades das crianças e dos bebês.

4 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL POR UM VIÉS PSICANALÍTICO: AS CONTRIBUIÇÕES WINNICOTTIANAS

Diante desta primeira apresentação sobre a problemática dos eletrônicos na primeira infância, veremos a seguir como a teoria winnicottiana pode fundamentar a temática e aprofundá-la. Tal incursão por este autor se torna fundamental para problematizar possíveis intercorrências advinda do uso de eletrônicos, em substituição, muitas vezes, do cuidado, da brincadeira, de atividades espontâneas que a criança demanda em seu desenvolvimento no ambiente.

O pediatra e psicanalista Winnicott dedicou grande parte de seus estudos à compreensão da relação entre mãe-bebê. Segundo sua perspectiva, os principais acontecimentos do primeiro ano de vida de um bebê são essenciais para que ele tenha um bom desenvolvimento e conseqüentemente tenha uma personalidade madura e saudável na vida adulta, desta forma as condições de vida em que ele está inserido na infância precisam ser favoráveis.

Winnicott compreende que existe uma dependência absoluta dos bebês para com suas genitoras, refere-se a eles como um ser de continuidade, pois sua existência e sobrevivência parte de uma mãe que prontamente atende às suas demandas e o forma a partir do ambiente que lhe oferece. Desta forma, conceitua esta condição favorável da maternagem como “suficientemente boa” (Winnicott, 1983, p. 81).

Neste período inicial, a qualidade e o prazer do vínculo, sendo proporcionado pela mãe ou por quem assume este papel de cuidador, irá constituir o psiquismo do bebê e desenvolver aquilo que Winnicott nomeia como self. Afinal, o ser dependente é desprovido de integração e de contornos egóicos, estes só lhe são conferidos pelo encontro com o outro, que o reconhece, cuida, nomeia e oferece experiências pulsionais. Deste modo, o desenvolvimento emocional depende da hereditariedade e do ambiente, o primeiro consiste nas potencialidades de maturação do ser e o segundo, como já comentado, consiste na circunstância ao qual se encontra a criança (Winnicott, 2000, p. 403). A integração só se torna possível neste suporte ambiental que aos poucos se tornará confiável, dito de outro modo, o lactante que antes via-se unido a mãe e totalmente dependente, gradualmente vai sendo reconhecido por ela e se diferenciado da mesma e do mundo externo (Winnicott, 1983, p. 59).

Fica evidente neste primeiro momento que uma só coisa é necessária, uma base firme e segura para que o outro se desenvolva, somente uma pessoa presente consegue criar possibilidades para que o outro também torne-se pessoa. Um simples exemplo desse fato são alguns casos documentados de crianças que foram criadas por lobos e não conseguiram se adaptar e se desenvolver humanamente, prevalecendo o modo e instinto animal em seus comportamentos (Belmiro, 2018).

Vejamos, o bebê é um mero receptor, o básico para sua formação é higiene, alimentação, sono e ordem e é aqui que entra outra questão, pois os pais também nesse contexto virtualizado que transformou nossas formas de relacionamento, se embasam na lei do menor esforço e carecem de estímulo, prazer e conforto. Assim, cuidar de um ser dependente não alimenta esses desejos o que se torna frustrante, temos então, adultos infantilizados. É o que Viana (2018, p. 55) descreve sobre a falta de responsabilidade configura-se como uma vida infantil, os adultos estão em falta no mercado, lhes falta firmeza para educar e impor limites aos filhos. Eles estão mais preocupados em não causar conflitos, não contrariar, do que modular os desejos das crianças e ajudá-las a experimentar o mundo externo de forma saudável.

Retomando a literatura, na descrição da maternagem suficientemente boa, Winnicott elege três funções essenciais para este papel, sendo elas: o holding (sustentação), handling (manejo) e a apresentação dos objetos (Winnicott, 2001, p. 18).

O holding, diz respeito ao modo que o bebê é sustentado no colo da mãe, trata-se de uma experiência afetiva e simbólica, pois representa a segurança, a firmeza, o apoio que a cuidadora oferece, assim como o próprio carinho do ato, que aquece, alimenta, acalma. Esse movimento faz com que a criança se sinta real e em termos psicológicos ajuda no processo da construção egóica (Winnicott, 2001, p. 127). Essa etapa também é responsável pela integração no tempo e no espaço, a mãe quando acolhe seu filho nos braços precisa estar disponível e atenta, ou seja, é como um exercício de presença que só pode ser sustentado pelo tempo.

Assim, essa consistência é que dá segurança e sustenta o pequeno mundo do bebê, tornando possível seu desenvolvimento saudável. Pois é através de um bom holding que a integração se constitui, isto é, o desenvolvimento do senso de diferenciação, bem como o sentimento de sanidade. Quando o holding é defasado, isto é, falta apoio, carinho, sustentação para cabeça, ruídos altos, por exemplo, o bebê sente essa falha que lhe causa desconfiança para com a realidade externa, é como se estivesse sendo despedaçado, pois não há aquela continuidade do seu ser. Concomitante a isto, há o enfraquecimento do ego e as chamadas angústias impensáveis, termo utilizado para a ansiedade gerada na criança, surgida de forma muito precoce e má compreendida, deixando marcas que prevalecem ao longo da vida (Winnicott, 2001, p. 19).

Neste ponto, pensemos a respeito da infinidade de objetos no mercado que prometem fornecer esse tipo de cuidado aos bebês, apetrechos para o banho, para postura, monitores para o sono, decodificadores de choro etc. Assim como, os variados vídeos que circulam com sons e músicas na pretensão de acalmar o bebê, ninar, relaxar nos momentos de cólica, entre outras funções. Todos como representantes simbólicos que metaforizam a relação com o outro

e servem como uma economia da relação, já que prover cuidado e atenção são movimentos custosos. Ou seja, tudo que poderia ser ofertado por uma pessoa é terceirizado a um objeto supostamente eficaz que concede as devidas aptidões. Desta forma, o infante corre o risco de elaborar seu campo pulsional de modo restrito e achatado sob a influência do espetáculo sensorial que o mundo das coisas oferece (Jerusalinsky, 2017, p. 46 - 47).

Outro conceito complementar na teoria winnicottiana, e que vem ao encontro de nossa discussão sobre a relação mãe-bebê e os cuidados maternos, é o *handling*. Este se caracteriza pela maneira que o bebê é tratado e cuidado, principalmente na condição de descoberta do seu corpo mediada pela mãe. Nessa etapa, temos a constituição da personalização, ou seja, o tornar-se pessoa, o bebê consegue reconhecer que é, e que possui um corpo através das experiências proporcionadas pela mãe (Winnicott, 2001, p. 19). Da mesma forma, um *handling* deficiente também traz consequências para o bebê, tal como “Winnicott observou em seu trabalho com crianças fisicamente doentes, que às vezes podem surgir problemas psicológicos devido à falta de contato com o corpo. Assim, a criança tem dificuldades em aceitar suas limitações físicas como reais” (Monteiro, 2003, p. 32).

Por fim, temos a apresentação dos objetos, propondo a inserção do bebê na realidade, ou seja, seu contato com o mundo externo, aumentando sua capacidade de utilizar o que está ao seu redor de forma gradual e assimilável (Rocha, 2006, p. 33). Se antes o bebê vivia um estado de dependência absoluta, agora passa a um estado de dependência relativa, pois a mãe é separada do *self* e o meio ambiente é percebido como algo que está fora, assim a ilusão de controle onipotente é quebrada (Monteiro, 2003, p. 36).

Consequentemente o bebê adquire outros recursos para lidar com a realidade externa que agora se apresenta mais consolidada, dentre eles surgem os objetos transicionais, esses por sua vez são aqueles que a criança escolhe e fica evidente sua função de apoio, como exemplo podemos pensar nos bichos de pelúcia, fraldinhas e bonecas, os pais facilmente percebem o quanto o objeto é valioso e saudável concedendo permissão para que sejam utilizados (Winnicott, 1975, p. 15). Inicialmente o objeto é usado antes de dormir e próximo ao rosto, como se fosse a presença materna, pois o lactante longe da mãe precisa de algo familiar para ajudá-lo no enfrentamento contra a ansiedade de separação.

É essencial que o objeto aparente vitalidade e seja maleável, dando a criança o sentimento de que ele responde às suas ações que vão desde um ato extremamente carinhoso, cuidadoso, a um negligente e violento. O objeto também não deve ser substituído (ao menos que seja pelo lactante), caso contrário isso causaria uma ruptura na continuidade do ser do bebê (Winnicott, 1975, p. 16).

Acerca deste investimento, podemos refletir sobre o risco de os eletrônicos tomarem também essa posição de objeto transicional, pois quando oferecidos tem capacidade estimulante o suficiente para prender um bebê e distraí-lo, articulando essa etapa de separação mãe-bebê. Porém, compreendendo melhor o que é saudável para uma criança, entendemos que um eletrônico estaria falseando esse processo de transição, operando como uma troca robotizada e restringindo o processo de personalização do infante. Outro aspecto bastante interessante nesta etapa é em relação ao espaço potencial manifestado entre mãe e bebê, pela entrada do objeto transicional ocorre a separação de ambos, dando a criança a possibilidade de se apoiar em algo externo e separado. Essa vivência de superação da separação contribui para o desenvolvimento e processo maturacional do lactante (Celeri et al., 2008, p. 68).

Assim, a partir de observações da relação entre mãe e bebê, Winnicott descobre o potencial criativo como um fenômeno inato a todo ser humano e capaz de nos abrir um sentido para a vida, pois esse potencial desenvolvido contribui para a maturação da nossa afetividade. É pelo potencial criativo que podemos adquirir autoconfiança ou ainda um estado de segurança, ou seja, no relacionamento com a mãe a criança sentindo-se segura adentra um estado de relaxamento, este por sua vez, concede abertura a criatividade (Winnicott, 1975, p. 108).

Por fim, elencando a importância do brincar e da abertura ao potencial criativo, conseguimos com a teoria winnicottiana fundamentar aquilo que já comentado anteriormente a respeito das brincadeiras contemporâneas. Afinal, é possível aventar que o mundo virtualizado, apesar de seus benefícios, não colabora para a expansão do imaginário na primeira infância, pois a individualização da criança com o seu objeto eletrônico não satisfaz suas necessidades primordiais.

Além desta primeira exposição embasada na literatura, há ainda o estudo da fisiologia cerebral capaz de demonstrar o desenvolvimento psíquico na primeira infância e como o atravessamento deste mundo eletrônico pode delimitar tal constituição. Como expõe, Fernandes et. al. (2018, p. 1), esse período é o de maior plasticidade cerebral, que significa a capacidade de reorganização e adaptação do sistema nervoso central às redes neuronais, diante das demandas ambientais e orgânicas, e ainda:

As funções cognitivas encontram-se localizadas nas áreas específicas do encéfalo. E para o desenvolvimento da maioria dos processos cognitivos, a interação afetiva positiva e a cooperação de neurônios nas conexões neuronais é fundamental. No córtex cerebral é possível distinguir várias áreas de associação: Áreas pré frontal (motora), córtex de associação parieto-temporo-occipital (sensorial), e o córtex de associação límbico (emocional).

Dito de outro modo, os autores expõem que para um bom desenvolvimento neuropsicomotor o ser humano precisa receber os estímulos adequados a sua faixa etária. Exemplo, uma criança de até dois anos está desenvolvendo sua inteligência sensório motora e sua paralisção diante de uma tela lhe fornece puramente imagens estimulantes e interrompe o seu processo de conhecer o mundo através das movimentações corpóreas (engatinhar, andar, tocar objetos). Tal como o sistema visual, um dos mais complexos do sistema sensorial, não se reduz a visão propriamente, pois no início de sua formação precisa de outros sistemas sensoriais para checar, confirmar e construir as percepções multissensoriais, ou seja, sensações do tato, audição, de calor/frio, gosto/paladar. Enfim, quando somente a visão e audição são estimuladas, o processamento é defasado e o desenvolvimento integral não ocorre por falta desta primeira integração de todas as outras sensações (Fernandes et. al. 2018, p. 2).

É fato que a própria super estimulação da tela mantém a criança vidrada e não permite que ela saia desse fascínio, o que muitos desconhecem é que essa exposição muito forte e precoce prejudica o chamado fenômeno de habituação, ou seja, sua capacidade de se desvencilhar de um estímulo excessivo desagradável ou que a amedronte (Fernandes et al. 2018, p. 4). Isto lembra a frequente submissão das crianças a desenhos macabros que volta e meia são descobertos e circulam em forma de alerta nas redes sociais para que os pais fiquem atentos ao que os filhos estão assistindo. Afinal, filhos não supervisionados, o tempo todo serão receptores destes malefícios, porém nem sempre os pais terão a sorte de descobri-los.

Além disso, tem se tornado muito comum alguns comportamentos resultantes desta intoxicação eletrônica, atrelados também a obesidade infantil (risco elevado e comum na contemporaneidade), dentre eles a ansiedade, irritabilidade, distúrbios do sono, fadiga, estresse, dificuldade de lidar com frustrações e limites, entre outros (Bertoletti; Santos, 2012, p. 33 e 34).

Enfim, esses são alguns aspectos provenientes do uso dos eletrônicos na primeira infância, a própria Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) juntamente com a Academia Americana de Pediatria (AAP), não recomenda o uso de telas a crianças de 0 a 3 anos de idade e lança manuais de orientações ao público em geral para discutir alguns dos fenômenos desta era digital na qual nos encontramos (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se propôs a explorar uma questão pontual, inicialmente expondo a virtualização e suas interferências na organização da sociedade, especificamente na área dos relacionamentos. É evidente que esse espaço virtual e tecnológico é uma potência e cria suas raízes culturais, dominando nossas vivências e agindo tanto para o bem quanto para o mal. Este é o território no qual pisamos e o berço das futuras gerações, por essa razão é necessário vislumbrar e analisar as consequências deste meio, pois se já somos capazes de observar os adultos adoecendo e se acomodando a uma péssima qualidade de vida, muito mais prejudicadas serão as crianças educadas para depender e viver submersas a uma vida virtual.

Ao longo do texto vimos também a teoria winnicottiana responsável por nos auxiliar a compreender o quão necessário é estar sob o cuidado de alguém que nos torne capaz de sermos pessoas autênticas e saudáveis, simplesmente por nos fornecer um ambiente amoroso e facilitador, este, de certa forma é um processo óbvio, mas quando verbalizado é reafirmado, criando um aspecto substancial passível de reflexão. É por meio da interação com o outro que somos formados, podemos dizer que o cuidador é uma espécie de lente pela qual a criança enxerga a realidade e introduz o mundo ao seu psiquismo e aos poucos constitui o seu eu.

Além disso, contemplamos neste trabalho, quatro aspectos básicos do desenvolvimento do ser humano, o aspecto físico-motor, referente ao crescimento orgânico, à maturação neurofisiológica e a capacidade de exercitar o próprio corpo; o aspecto intelectual referente à capacidade de raciocínio; o aspecto afetivo emocional referente ao modo subjetivo de integração de experiências particulares e o aspecto social que se refere a reação e interação do indivíduo com outras pessoas (Bock; Furtado; Teixeira, 2008, p. 90 e 91).

Referente a cada um deles foi possível correlacionar uma reflexão que pusesse a prova a interação dos pais e seus filhos com o mundo eletrônico, pensando suas interferências nesses âmbitos do desenvolvimento infantil. Por fim, essa pesquisa claramente não esgota a temática em questão, mas evoca nossa atenção a um assunto contemporâneo que tende a se expandir ainda mais, demandando novos estudos sobre esta temática, principalmente no que tange ao prejuízo causado às crianças que são expostas, em excesso, à tecnologia.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, N. F. S.; PAIVA, S. M. P.; ALMEIDA, M. E. L.; TORRES, K. R. B.; LAVOR, M. A. S. de F.; DEININGER, L. de S. C. Os malefícios da utilização de telas eletrônicas na infância: uma revisão integrativa da literatura. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e14705, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.705. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/705>. Acesso em: 30 dez. 2024

- LEVY, E. S.; MONTEIRO, L. F. Internet e psicanálise: considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 52, p. 59-67, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000200007&lng=pt&nrm=iso.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MONTEIRO, M. C. Um coração para dois: a relação mãe-bebê cardiopata. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro. 2003.
- PICCHIONI, M. S. Y. Modernidade líquida. Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 180-185, 2008. DOI: 10.11606/issn.1980-7686.v2i3p180-185. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reaa/article/view/11478>. Acesso em: 4 fev. 2022.
- PUCCHINELLI, M. F.; MARQUES, F. M.; LOPES, R. DE C. S.. Telas na Infância: Postagens de Especialistas em Grupos de Cuidadores no Facebook. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, p. e253741, 2023.
- ROCHA, M. P. Elementos a teoria winnicottiana na constituição da maternidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. 2006.
- SAKAMOTO, C. K. O brincar da criança: criatividade e saúde. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 267-277, dez. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jan. 2022.
- SANTOS, N. T. G. Preocupação materna primária: condições de instauração e seus desafios na atualidade. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica). Universidade Pontifícia Católica – Rio de Janeiro. 2017.
- SBP, Sociedade Brasileira de Pediatria, Manual de Orientação de saúde de crianças e adolescentes na era digital. (2019). Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.
- VIANA, M. A. Infância contemporânea: institucionalização e cerceamento. *Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 47-68, 2018. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/203/126>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- WINNICOTT, D. W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. In: Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

WINNICOTT, D. W. A criatividade e suas origens. In: O brincar e a realidade. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

WINNICOTT, D. W. A família e o desenvolvimento individual. M. B. Cipolla, Trad., 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.